

Entrevista

Entrevista al Geog. Nathan Belcavello de Oliveira por Omar Gejo, Gustavo Keegan y Alan Rebottaro

Entrevistamos al Geog. Nathan Belcavello de Oliveira el 18 de mayo de 2021, quien se desempeña como Analista de Infraestructura en el Ministerio de Desarrollo Regional y profesor de Geografía de la Secretaría de Educación en el Magisterio Público en el Distrito Federal de Brasil. Además, es Vice-Presidente del Centro de Estudios Alexander von Humboldt (CeHu). Agradecemos su predisposición para responder cada una de nuestras preguntas vía mail.

Nathan Belcavello de Oliveira en el XVI Encuentro Internacional Humboldt realizado en la ciudad de San Carlos de Bariloche (Argentina) entre el 6 y 10 de octubre de 2014.



Antes de iniciar a entrevista, gostaria de agradecer a honra de poder compartilhar de uma maneira um pouco diferente que em artigos científicos, notas técnicas ou em aulas, o caminho que trilhei até aqui por este campo de conhecimento que é a Geografia. Agradecer também a oportunidade de visitar as lembranças, vivências, experiências e esperança que tenho e compartilho a partir da, com a e pela Geografia e tentar sistematizar muito disso aqui.

O objetivo desta entrevista é conhecer sua trajetória como geógrafo e, ao mesmo tempo, seu ponto de vista em relação a diversos temas. Para começar, você poderia nos contar sobre seus primórdios na Geografia?

Tenho que responder isso por três momentos e, respectivamente, em três dimensões.

Os primeiros momento e dimensão me remetem à infância e a meus pais, José e Dionéia. Desde a mais tenra idade tive a felicidade de usufruir de viagens de férias que me possibilitaram conhecer uma parcela considerável do Brasil. Mal sabia que as então “exaustantes” horas que passava no carro, na verdade me deram a possibilidade de ver a diversidade que caracteriza as cidades, os Estados e as regiões desse país continental. Ainda, a possibilidade de me familiarizar e me encantar desde cedo com mapas, por meio dos guias rodoviários (coleção de mapas com rodovias e informações como distâncias entre as cidades, serviços, entre outros elementos, em uma encadernação no formato de revista) que meus pais usavam para nos levar a “lugares nunca dantes trafegados”, uma vez que, na época o celular, além de ser item de luxo e extremamente caro, só funcionava para ouvir e falar e GPS ou equipamentos similares eram praticamente coisa de ficção científica. Achava incrível como as linhas vermelhas que representavam as estradas no mapa quase que mostravam as curvas que passávamos com o carro, as linhas azuis da representação dos rios que cortávamos em cima das pontes, entre outros elementos. Também as siglas dos Estados nas placas, principalmente, dos caminhões e carretas, ensinadas pelos meus pais para nos entreter durante a viagem e que me fazia imaginar as distâncias percorridas por aquelas pessoas transportando várias coisas. Hoje tenho consciência de que esse foi meu primeiro, pessoal e mais profundo contato que tive com a Geografia e devo isso muito aos meus queridos e amados José e Dionéia.

Os segundos momento e dimensão podem ser chamados de primeiro contato “formal escolar” com os conhecimentos geográficos, apresentados e entendidos como Geografia a partir da minha 5ª Série (hoje conhecido como 6º Ano) do Ensino Fundamental. E não é possível falar disso sem me remeter à senhora Maria José, minha primeira professora de Geografia e que me acompanhou até a 7ª Série. Até hoje lembro de como se impunha sua estatura alta (por volta de 1,80 metros de altura) e sua cara sisuda e séria, mas que escondia atrás do livro as risadas que dava sempre que eu e meus amigos de sala fazíamos alguma das nossas inocentes travessuras ou nos colocávamos a debater como “doutores” algum tema trazido por ela. Anos mais tarde ainda tive a honra de acompanhá-la em sala de aula durante meu Estágio Docente durante minha formação. Dentro desse contato escolar, também não poderia me esquecer do professor Helcio Ribeiro Campos, que me mostrou a Geografia na 8ª Série com todo seu empenho e vivacidade de recém-licenciado. Ainda antes de entrar no curso de Geografia, tive a oportunidade de fazer o curso técnico de Estradas e me formar como topógrafo, o que me possibilitou ter um contato muito próximo com a Engenharia Civil, mas que não me tirou o ímpeto pela Geografia.

Por fim, os enriquecedores e inesquecíveis anos de minha formação como licenciado (professor) e bacharel (geógrafo) na Universidade Federal de Juiz de Fora, em minha cidade natal, com amigos de turma e professores que me permitiram aprofundar neste imenso oceano que é a Geografia.

Ao longo da sua carreira, quais foram os principais temas de estudo ou linhas de pesquisa que abordou?

Desde os dois primeiros semestres da graduação os temas acerca dos movimentos demográficos e o espaço urbano sempre me interessaram, tanto que fui monitor de Geografia Urbana e de Planejamento Urbano, assim como suas interrelações com o país e o mundo. Esse grato interesse me possibilitou elaborar durante, praticamente, toda minha graduação a pesquisa que resultou em

muitos artigos, apresentados em vários eventos¹, e em minha Monografia de Bacharelado, intitulada *Mobilidade residencial, segregação sócio-espacial e globalização em Juiz de Fora, Minas Gerais: estudo de caso no Alto Santo Antônio*².

Tal interesse também me fez ficar feliz e atento quanto à criação pelo primeiro governo Lula, em 2003, do Ministério das Cidades. Em 2005 há o primeiro concurso público para preenchimento de cargos em que participei e fui aprovado, tornando-me, em 2006, o primeiro geógrafo do quadro de pessoal do Ministério das Cidades. Essa foi minha primeira experiência profissional, em que tive a oportunidade de atuar com gestão e planejamento urbanos na perspectiva do desenvolvimento urbano (que também reúne habitação, saneamento e mobilidade urbana) e toda uma gama de temas correlatos que a Geografia me permitiu ofertar junto à equipe multidisciplinar com quem trabalhei e com áreas tão diversas quanto o meio ambiente, desenvolvimento social, organização produtiva, entre outras. Em 2019 o atual governo cria o Ministério do Desenvolvimento Regional por meio da fusão dos Ministérios da Integração Nacional e o das Cidades e, além do desenvolvimento urbano, passo a atuar diretamente também com o desenvolvimento regional, agora como analista de infraestrutura, cargo que assumi em 2013 ainda no Ministério das Cidades, após ser aprovado em outro concurso público.

Em 2009 ainda participei e fui aprovado no concurso público do Magistério Público do Distrito Federal, tornando-me professor de Geografia da Secretaria de Educação, atuando desde sempre com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Desse modo, o ensino de Geografia, em especial para a EJA, torna-se um tema também corriqueiro de meus estudos e pesquisas.

Acredito que minha “carreira” é indissociável com o que muitos chamam de militância política. Como marxista convicto desde a graduação, sempre procurei dialogar e agir politicamente. Fui presidente do Diretório Acadêmico da Geografia na UFJF em 2003 e 2004. Enquanto geógrafo no Ministério das Cidades fiz parte da coordenação sindical. De 2009 a 2015 tive uma decepcionante, mas instrutiva, experiência no Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, desde então, organizo-me na *Esquerda Marxista*, seção brasileira da *Corrente Marxista Internacional* e corrente interna do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Para não me alongar muito, atualmente o tema de criação de Município, sempre conciliado com o debate acerca da cidade, do espaço urbano, assim como suas relações e interações com o território nacional e o mundo é o que tem alimentado meus esforços de retomar minha relação com o mundo “acadêmico”, uma vez que por duas vezes estive no Mestrado e não concluí.

Em 2013 foi publicado o livro “Elementos de Teoria do Espaço Geográfico”. Como foi o processo de gestão e quais foram os objetivos que foram propostos com os demais organizadores?

Sendo bem sincero, esse livro é a síntese de um desafio ultrapassado e, ao mesmo tempo, uma resposta à soberba que teima em pairar na mente de muitos no mundo acadêmico. Sua proposta surgiu a partir da disciplina de Teoria do Espaço Geográfico (daí o nome do livro), cursada em 2012 durante minha segunda passagem no Mestrado. O professor Doutor Everaldo Batista da Costa, recém-concursado e ofertando a disciplina pela primeira vez no Programa de Pós-Graduação aventou a possibilidade de publicarmos os melhores artigos da turma na revista de Geografia da

¹ Disponíveis em: <http://www.belcavello.com.br>.

² OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. *Mobilidade residencial, segregação sócio-espacial e globalização em Juiz de Fora, Minas Gerais: estudo de caso no Alto Santo Antônio*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geociências, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <<https://www.geografia.blog.br/bacharelado/>>. Acesso em 22 maio 2021.

universidade, proposta que tanto eu quanto outros colegas de turma gostamos muito. Contudo, sua ideia foi vetada pelo professor que dirigia a revista com as palavras de “que esses meninos não tinham condições de fazer trabalhos com a qualidade de serem publicados pela revista”. Desafio lançado, desafio aceito!

Eu, Gilvan e Sidelmar nos propomos a organizar o livro, que contou com a participação de mais cinco colegas da turma de Mestrado e em 2013, após termos o projeto do livro aceito pela editora que o publicou, fizemos o lançamento do livro, convidando todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação, claro!

Modéstia à parte, acredito que o *Elementos de Teoria do Espaço Geográfico* alcançou cumprir o objetivo que tivemos ao organizá-lo, que, além da resposta a nossa pretensa “incapacidade”, foi de dispor de um livro que debatesse os principais conceitos geográficos em suas mais diversas vertentes, com destaque para o *espaço geográfico*. Para mais, acredito que só sua leitura pode oferecer.

Atualmente, você atua como vice-presidente do Centro de Estudos Alexander von Humboldt (CeHu). Como foi seu início e quais são suas perspectivas de futuro na CeHu?

Assim como os temas de movimentos demográficos e espaço urbano, com as relações com outros temas que já mencionei, posso dizer que o CeHu é uma gratificante relação que tenho com e a partir da Geografia desde a graduação. Meu primeiro contato foi em Puerto Iguazú, Misiones, durante o IV Encuentro Internacional Humboldt, em 2002, por meio da indicação de João Batista Villas Boas Simoncini, que havia contatado Omar Gejo e Ana María Liberali em Buenos Aires em busca de material para sua monografia. O que o evento não teve em quantitativo de participantes, teve de qualidade de debate e, principalmente, possibilidade de ouvir e ser ouvido, novidade para um reles graduando que se quer era considerado (basta ler o que me levou a fazer o livro). A partir de 2002 só tive a infelicidade de não poder participar do encontro de 2019, coincidentemente feito no lado brasileiro da tríplice fronteira, em Foz do Iguaçu, Paraná.

Em 2007, após alguns anos de diálogos, muita insistência e já como membro do CeHu, tive a honra e satisfação de levar para a minha cidade natal, Juiz de Fora, o IX Encontro Internacional Humboldt, mesmo já morando e trabalhando em Brasília. Esta foi a primeira edição do evento realizada fora da Argentina.

No CeHu e por seus eventos tive o prazer e a honra de conhecer verdadeiras autoridades argentinas da Geografia, tais como Elena Chiozza, Ana María Liberali, Omar Gejo, Gerardo de Jong, Jorge Osvaldo Morina, entre outras, também de outros países da América Latina, como Adriano Rovira Pinto, do Chile, Álvaro Sánchez Crispín, do México, e Claudemira Ito e Zeno Crocetti, do Brasil. Doutores no conhecimento, pesquisa e seriedade no trabalho e humanos na habilidade e generosidade de ensinar e ofertar uma chance.

Acredito que minha eleição como vice-presidente do CeHu é resultado da solidariedade crítica e sincera por integração dos povos latino-americanos por meio dos conhecimentos geográficos próprios da entidade desde o início, além da ação séria e competente dos vários membros brasileiros que hoje formam o CeHu.

No marco do sistema mundial: Como se deu a integração do Brasil ao longo de sua história?

Esta é uma pergunta que se constitui em um grande desafio em ser respondida com poucas palavras. Mas como desafios me animam a ação, vou tentar ultrapassar mais este. Tive a oportunidade de apresentar isso durante as *III Jornadas Argentina como Geografía*, promovida pela Universidad

Nacional de Luján, e convido os que se interessarem em aprofundar o tema, assistirem o vídeo disponível no *Canal Coordenadas* no *YouTube*.

Desde uma perspectiva analítica da formação espacial elaborada por Milton Santos a partir, principalmente da formação econômico-social marxista, o Brasil teve suas fronteiras praticamente estabelecidas por meio da ação de Portugal, uma potência em decadência ao longo dos séculos iniciais de estruturação do capitalismo. Ação pautada pelo aprisionamento e extermínio dos povos originários, pela exploração vil caracterizada pela escravização dos povos africanos, trazidos a força como mão-de-obra para os ciclos econômicos dos produtos demandados pelo comércio internacional em formação, e pelo consumo desmedido dos recursos naturais, causa da destruição praticamente total da Mata Atlântica e padrão, em grande medida, seguido até hoje no país com relação a outros biomas como o Cerrado e a Floresta Amazônica.

Com a independência, feita pelo filho do rei de Portugal que, anos mais tarde, tornar-se-ia também rei português, a permanência da escravidão como meio de produção só escancara a natureza das mudanças feitas para permanecer tudo como está que, em certa medida, também caracterizaria a proclamação da República. Esse tipo de mudança também foi a principal responsável pela manutenção do país com as fronteiras do domínio português na América do Sul e as diferentes regiões que a caracterizavam, seja pela própria diversidade ambiental, mas também pela exploração diversificada do território, o que não significa dizer que não ocorreram conflitos. Aos poucos e mantendo traços extremamente racistas e de profunda desigualdades econômica, social e territorial, as regiões passam por um processo de integração que se amplia e concretiza por meio dos processos indissolúveis de industrialização, urbanização e modernização conservadora da agricultura do Brasil, lançando os alicerces para um país que despontava como semiperiferia e potência regional. Contudo, durante o *milagre econômico* brasileiro na década de 1970, a monolítica China maoísta decidia assumir novos horizontes econômicos que, em poucas décadas, alçaria o país asiático à condição que tenho chamado de semiperiferia concentrada do capitalismo. Tal movimento no tabuleiro de xadrez mundial conciliado com as últimas crises do sistema capitalista têm forçado países como o Brasil a assumirem novamente posição de simples fornecedores de *commodities*. O franco processo de desindustrialização e o crescimento vertiginoso do setor primário nas exportações só torna mais patente essa realidade.

Como você descreveria o efeito produzido pela COVID-19 no Brasil?

Para se falar de COVID-19, na verdade, temos que falar de mundo e, principalmente, de capitalismo. O surgimento da mutação do coronavírus que se desdobrou na atual pandemia que enfrentamos é, em grande medida, fruto da ação predatória do capitalismo sobre o ambiente. Nesse mesmo sentido, a resposta e tratamento a esta calamidade teimam a não ultrapassar essa abordagem.

Nessa perspectiva, o Brasil infelizmente se traduz como sua caricatura mais exemplar e trágica. A ganância da elite econômica pela manutenção de seus lucros e privilégios, conciliada com o negacionismo com relação à doença, teorias conspiratórias, entre outros absurdos, pelo “salvamento da economia” foi responsável por quase meio milhão de mortes, milhões de contaminados e o prolongamento de uma situação absurda que teria tudo para ser contida em menos tempo se as medidas corretas tivessem sido tomadas desde o início.

Mesmo com todos os problemas, é necessário salientar que essa tragédia tem demonstrado a importância do Sistema Único de Saúde (SUS), pois estaríamos em um cenário ainda mais calamitoso não fosse seus esforços coordenados e a manutenção da saúde como política pública.

Como você caracterizaria a resposta política do governo Bolsonaro para mitigar a pandemia?

O atual governo, na figura decrépita do presidente, é a locomotiva do trem negacionista com relação à COVID-19. Nesse sentido, é necessário deixar claro que sua resposta política nunca foi de mitigação da pandemia, mas de sua negação para, entre outros objetivos no mínimo suspeitos, como a defesa e compra em massa de cloroquina, buscou se conciliar com o discurso de grande parcela da elite econômica de “salvamento da economia”. Toda ação no sentido de mitigar a pandemia foi ferrenhamente combatida pelo governo, desde a ação dos governadores e prefeitos para a restrições necessárias para evitar a propagação da contaminação, até mesmo o estabelecimento do auxílio emergencial à população desempregada e em situação de trabalho precário. Única exceção é a ajuda trilionária dada aos bancos uma semana depois de decretado a situação de pandemia no país³.

Mais do que ineficiência ou incompetência na gestão da crise, trata-se de uma ação consciente e intencionada de aplicação de teorias absurdas como a de “imunidade de rebanho” como tem sido revelado com relação a situação caótica vivenciada recentemente no Amazonas⁴, ou do “kit de tratamento” com medicamentos como a cloroquina, sem resultados comprovados de tratamento da COVID-19 e sérios efeitos colaterais.

Aproximando-se as eleições e aferindo a reprovação com relação a posturas adotadas com relação à pandemia, agora o governo se esforça em buscar enterrar tudo isso, negando seu negacionismo.

Por fim, gostaríamos que você refletisse sobre um tema que é do seu interesse.

Tenho um texto que escrevi durante a graduação e que revisei para publicá-lo no lançamento da *Geodiálogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia* que sintetiza muito do que acredito ser a Geografia em essência e a ação dos que a assumem como exercício profissional e acadêmico. “Elo do cidadão para uma visão mais ampla e real” é a síntese que faço da Geografia no título desse texto⁵. Lógico que a Geografia, na verdade, é só uma parcela específica do conhecimento humano. Somos nós, estudantes, geógrafas e geógrafos, professoras e professores de Geografia, os que dão intencionalidade a esse conhecimento. O que coloco para reflexão é exatamente qual a intenção que orienta o conhecimento que cada um de nós desenvolvemos na Geografia. Para mim, nós da Geografia temos condição de fazer aquilo que Marx sempre apontou como fundamental: mais que interpretar o mundo, modificá-lo.



Esta obra se encuentra bajo Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0. Internacional. Reconocimiento - Permite copiar, distribuir, exhibir y representar la obra y hacer obras derivadas siempre y cuando reconozca y cite al autor original. No Comercial – Esta obra no puede ser utilizada con fines comerciales, a menos que se obtenga el permiso.

³ Leia mais em: <https://www.infomoney.com.br/economia/com-criese-banco-central-ja-anunciou-r-12-trilhao-em-recursos-para-bancos/>.

⁴ Leia mais em: <https://www.marxismo.org.br/wilson-lima-bolsonaro-e-a-transformacao-do-amazonas-em-um-laboratorio-da-imunidade-de-rebanho/>.

⁵ OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. A Geografia: elo do cidadão para uma visão mais ampla e real - uma leitura histórica (e passional) da formação e da importância da Geografia. *Geodiálogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia*, n. 1, v. 1, p. 35-39, maio 2016. Disponível em: https://www.geografia.blog.br/gallery/gdn01v01_06.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.